

-9 MAR 1988

Sarney

JORNAL DE BRASÍLIA

Planalto dita regras

Agora não mais se pode duvidar: o presidente Sarney assumiu diretamente o comando de nossa política econômica e financeira. Colocando um técnico como o ministro da Fazenda e dando-lhe poderes tais que dois dos mais altos funcionários deste campo foram afastados num mesmo dia, ficou claro que o Presidente conanda e fez suas opções. Não se pode mais pensar em termos, até agora justificáveis, de composição nesta área, de indicações que as conveniências políticas teriam feito o Presidente aceitar de forma mais ou menos relutante.

A política econômica e financeira do Governo é, agora, claramente comandada do Planalto e seu principal ocupante é o principal responsável por seus resultados.

No passado era comum que os presidentes distribuíssem os principais cargos de direção de nossa vida econômica e financeira entre os representantes dos interesses mais importantes existentes no País. Quem ocupava o cargo de ministro da Fazenda era, por exemplo, um representante dos cafeicultores. Em compensação, para outro

cargo de igual importância, se designava uma pessoa identificada com os interesses dos industriais de São Paulo. É claro que neste tipo de composição não se esquecia também os usineiros nem outros grupos importantes. O resultado era catastrófico: o Brasil não tinha uma política. Era aquilo que um crítico ferino chegou a chamar de política de uma martelada no ferro e outra na bigorna. Nossa política era como que a resultante de uma composição vetorial de interesses contraditórios. Melhor dito, não havia política econômica do Brasil, mas sim arreglos entre grupos diversificados.

Veio a Nova República e as coisas se complicaram. Não se pode duvidar que o presidente Tancredo Neves tinha uma política que defenderia duramente. Entretanto, ele morreu e Sarney herdou seu ministério. Empossado em condições de traumatismo emocional de toda a Nação, a posição de Sarney foi a de aceitar as pessoas que Tancredo escolhera. Tancredo, é importante que se diga, realizara uma composição no comando da política econômica

que unia forças diversas. Mas ele comandava, ele teria sido o árbitro. Sarney estava com as mãos amarradas.

O tempo passou, as pessoas mudaram mas Sarney não chegava a determinar suas escolhas. Pressões lhe impunham ministros ou vetavam seus escolhidos. Só quando o maior partido do País resolveu lavar suas mãos da responsabilidade pelos males que têm nos atingido é que o Presidente pôde escolher seus ministros da área econômica. Na realidade optou por técnicos. Hoje ninguém pode dizer que a responsabilidade pela conduta de nossa economia pertence ao PMDB, ao PFL ou a qualquer outro partido. Ela está concentrada no Planalto.

O presidente Sarney faz tanta questão de evidenciar este fato que autorizou ao atual ministro da Fazenda a «degolar» duas autoridades importantes em nosso mundo financeiro. Foi ao mesmo tempo um alerta e uma advertência. Quem, na administração, quiser impor suas próprias idéias não terá vez. Que todos saibam que a autoridade está concentrada e nas mãos do Presidente.